

# Miguel Torga

REALIZADO POR :

Henrique Monteiro (8°C)

Pedro Dionísio (8°C)

# Garganta, Sabrosa

- o O Pólo Arqueológico de Garganta nasceu da vontade do Município de Sabrosa em quer preservar e dar a conhecer um património único que se encontrava disperso pelo seu território. Este espaço pretende ser um local de encontro da História do Homem com um território singular entre o rio Douro e a serra transmontana.  
Garganta, Sabrosa

- o Ao longo dos tempos o homem escreveu a sua história nesta paisagem, construindo-a numa permanente sedução com a sua envolvente, sulcando a paisagem e deixando a sua “pegada”.

Memória insigne de outros tempos, os objetos aqui expostos são mais do que simples peças, são parte da evolução e da história dos nossos antepassados. São nossos e representam a materialização viva da nossa essência. São marcas culturais do nosso tempo.

o Emocionante e apaixonada, esta é a nossa herança. É a vanguarda dos tempos que passaram. É a nossa identidade. É a História da nossa Terra. Descobri-la aqui e explorar este território é celebrar a vida. É o poder da nossa essência.

Garganta, Sabrosa

# Biografia de Miguel Torga

- o Numa zona alta de Coimbra, donde via a serra a lembrar as paisagens da aldeia natal, Adolfo Correia da Rocha, Miguel Torga de pseudónimo, construiu a sua casa. O escritório, a máquina de escrever, o divã "sarcófago": está tudo como no tempo em que lá viveu.

- o Esta casa é uma peça biográfica, “um retrato físico” do médico-escritor que nasceu em 1907 em São Martinho da Anta, Trás-os-Montes, e viveu mais de 40 anos em Coimbra. Um lugar de intimidade e de escrita, construído à medida de Miguel Torga e da sua mulher, Andrée Cabrée Rocha. Logo à entrada somos recebidos pela urze bravia dos montes transmontanos, a torga, que adotou para pseudónimo e ali plantou, a marcar a sua segunda terra. O nome próprio que o autor de “Contos da Montanha” e “Bichos” escolheu para si, Miguel, é uma homenagem aos dois espanhóis que mais admirava: Miguel de Cervantes e Miguel de Unamuno.

- o Entramos no número 3 da praça Fernando Pessoa. Os objetos pessoais conservam a memória dos dias passados à escrivaninha, onde redigiu grande parte dos seus livros. No escritório, a única divisão com lareira, vemos a caneta de tinta permanente, a máquina de escrever Royal e o divã que chamava “o meu sarcófago”. O acervo inclui documentos, fotografias, primeiras edições assinadas, algumas ainda como Adolfo Rocha. E há o mobiliário descoberto em peregrinações a antiquários, cerâmica, pintura, escultura, algumas obras de arte representam o próprio escritor. Permanece tudo igual, como no tempo em que lá vivia o homem que se agarrava à terra como se fosse a raiz de um arbusto.



“ É um fenómeno curioso:  
O país ergue-se indignado, moureja o dia  
inteiro indignado, come, bebe e diverte-se  
indignado, mas não passa disto.

Falta-lhe o romantismo cívico da agressão.

Somos, socialmente, uma colectividade  
pacífica de revoltados”

*Miguel Torga*





**O FIM**